

CIDADE

Ceilândia, 24 anos e muitos problemas

Ana Cristina Gonçalves

Ceilândia, a maior cidade em número de habitantes — 500 mil — do Distrito Federal, completa hoje 24 anos. Nesse período, o problema da sujeira, os prédios baixos e muitas casas tornaram-se sua marca registrada.

“Não dá para crescer para cima e a cidade cresceu para os lados”, observou o morador e secretário especial de Participação e Inclusão Social, Eurípedes Camargo.

O plano diretor só permite construções de até três pavimentos. Por isso não há interesse das construtoras em fazer grandes edifícios comerciais ou residenciais.

Essa é a principal diferença visual entre Taguatinga e Ceilândia — que já estão interligadas. A primeira tem muitos prédios e a segunda, diversas casas.

Miséria — “Quem não conhece Ceilândia acha que aqui só tem miséria”, lamentou a moradora da QNM-38 Doralice Ribeiro.

Mas a cidade tem muitas casas confortáveis de cerca de 200 metros de área e moradores com três carros na garagem.

“Se tivéssemos um setor de man-

sões, daria para ver que aqui também tem rico”, afirmou o empresário Vanderley Moraes.

Falta à cidade cemitério, cinema, shopping e uma universidade. Coisas que a vizinha, Taguatinga, já conseguiu.

Antes de atender aos pedidos da população, a Administração Regional tem que enfrentar um problema maior: a sujeira.

“São recolhidas, por dia, 300 toneladas de lixo na Ceilândia, mas a cidade ainda continua suja”, lamentou o administrador regional, José Eudes de Oliveira.

Limpeza — Assim que assumiu a administração, ele promoveu uma operação limpeza. Um mês depois, mudou a estratégia, lançando uma campanha de conscientização e educação da comunidade. “A sujeira na Ceilândia é cultural”, admitiu.

Em cada esquina da cidade é comum ver sacos com lixo orgânico, restos de obras, sofás, cadeiras, camas e colchões velhos deixados por algum morador.

“Já verifiquei que as pessoas esperam o caminhão da limpeza passar para depois colocar o lixo na porta de casa”, acusou José Eudes.